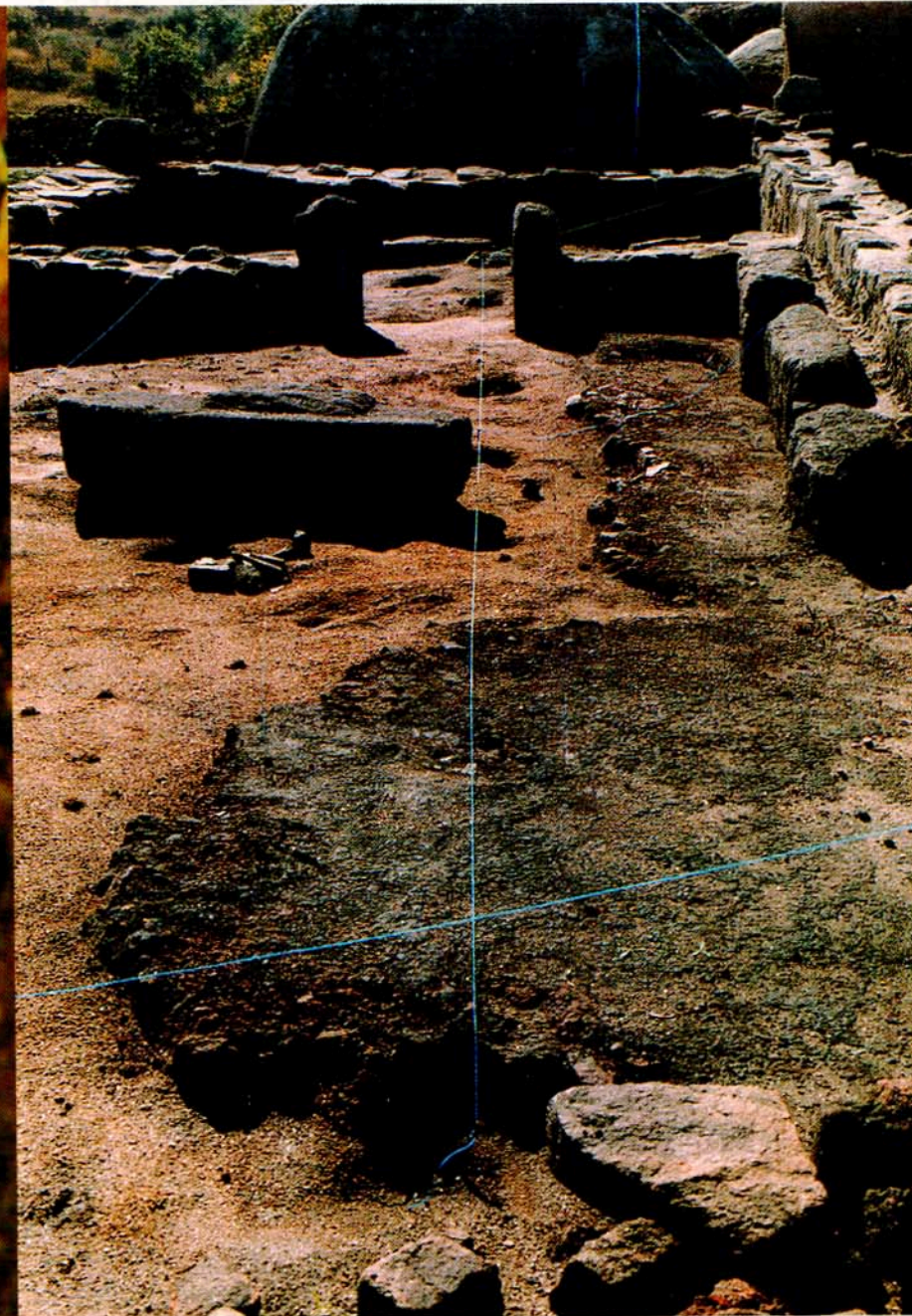


CÔA VISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº 2 · ANO DE 2000



EDIÇÃO DA
CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

O Projecto: O Castelo de Castelo Melhor, Vila Nova de Foz Côa, Distrito da Guarda

– Investigação Arqueológica e Estudo de Conservação/ /Recuperação

MICHAEL MATHIAS

1. INTRODUÇÃO

O recinto amuralhado do castelo de Castelo Melhor situa-se num outeiro com cerca de 450 m de altitude ¹, a Sul da actual freguesia, na margem direita do Rio Côa que desagua aproximadamente a 7 km no Rio Douro.

Com a forma de um polígono irregular de cerca de 90 x 70 m, a muralha, de aparelho em xisto, apresenta-se com uma altura de cerca de 3 a 6 m. Tem uma única porta em arco quebrado a NW e uma torre de planta semicircular adossada à muralha a Norte. Entre a porta e a torre conservam-se restos de um muro baixo, exterior, de reforço, estruturas semelhantes encontram-se também em frente das muralhas a Sul do castelo, que levaram provavelmente à designação “barbacã”. No interior existem vários muros, cuja função é incerta, vestígios de uma cisterna circular e de vários alicerces de construções rectangulares.

O seu estado de conservação é mau, existem fissuras nas paredes da porta, buracos no interior, *brechas* de vários metros de largura e danos nas fundações das muralhas.

Parece que há séculos não levou intervenção nenhuma. Os responsáveis arquitectos e engenheiros da Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais acharam, no início dos anos quarenta, que o castelo não tinha valores arquitectónicos e artísticos e que qualquer despesa ² seria injustificada. Também a classificação como Imóvel de

Interesse Público em 1982 ³ não melhorou a situação e o castelo continuou a partilhar o destino de muitos monumentos classificados ou não-classificados, o abandono e a degradação.

A ideia de um projecto de investigação arqueológica surgiu na sequência de contactos do autor com o Prof. Dr. João Zilhão, actual Director do IPA, então Director do recém criado Parque Arqueológico do Vale do Côa e membro da Comissão Instaladora do IPA, a propósito do castelo de Monforte, Freg. de Colmeal, Conc. de Figueira de Castelo Rodrigo.

No âmbito da instalação do Parque Arqueológico do Vale do Côa ⁴, o estudo preliminar do castelo de Castelo Melhor e levantamento (arquitectónico e arqueológico) das possibilidades de reabilitação e abertura a visitas públicas, foi considerada uma das acções a promover a curto ou médio prazo. Esta acção seria também financiada no quadro do Programa PROCÔA: Medida 1: Criação do Parque Arqueológico do Vale do Côa.

Face às melhores condições de acesso, à proximidade do povoado e ao apoio logístico e financeiro do IPPAR, mais tarde IPA e pelo PAVC, optou-se elaborar o projecto Castelo Melhor.

A ideia inicial, de meramente um projecto de investigação arqueológica, transformou-se logo num projecto mais abrangente e pluridisciplinar, integrando estudos da geologia do local, estudos da degradação dos materiais de construção e estudos da estabilidade da estrutura no programa de trabalhos ⁵.

¹ Carta Militar 1:25000, Folha 141, coordenadas: M – 285,7, P – 450,9. Datum 73; M 89691.890 P 150955.674 H 450.395.

² Agradeço o apoio que me foi amigavelmente prestado pela DGEMN, Lisboa, Divisão de Inventário, pelos Snrs. Drs. João Vieira e João Paulo Machado e pelos serviços regionais da DGEMN, Porto, Sr. Arqt.º Augusto José Marques da Costa e da DGEMN, Coimbra, Sra. Eng.ª Lúcia Costa Pessoa. Existe pouca documentação sobre o castelo nos arquivos deste organismo. Apesar de uma troca de ofícios relacionada com uma possível classificação e intervenção de restauro do castelo, que se arrastou entre 1932 e 1941, e nunca foi realizada. Existe também uma documentação fotográfica, a preto e branco, do castelo, sem data, provavelmente dos anos setenta.

³ Decreto N.º 28/82, 26-2, Diário da República, 1.ª Série, N.º47-26-2-1982.

⁴ João Zilhão, Memorando, *Instalação do Parque Arqueológico do Vale do Côa – Princípios, acções imediatas, estratégia*. Parque Arqueológico do Vale do Côa, Maio 1996.

⁵ Gostaria de agradecer o apoio e a colaboração que me foram prestados pelos meus colegas Profs. Drs. Andrzej Litewka, J.P. Castro Gomes, Drs. Victor Cavaleiro e Pedro Almeida, Eng.º Adrião Baptista, especialmente Prof. Dr. Martin Höck, os Eng.ºs Rui Fernandes e Jorge Andrade, e “last but not least” a toda equipa do Parque Arqueológico do Vale do Côa, Prof. Dr. João Zilhão, actual Director do IPA, Arqt.º Fernando Maia Pinto, Director do PAVC, e Dra. Helena Moura.

O projecto foi aprovado por todas as entidades competentes, pela Comissão de Avaliação do IPA, como monumento classificado pelo IPPAR e pela Direcção Geral do Património do Ministério das Finanças como propriedade do estado. Conforme a decisão da Comissão de Avaliação do IPA, o projecto foi candidatado a ser financiado pelo Programa PROCÔA em Dezembro de 1998. Até ao termo do próprio programa, a aprovação e o financiamento deste projecto, como aliás todos os outros projectos arqueológicos dentro da área do PAVC, ficaram bloqueados pelo Ministério do Equipamento, do Planeamento e Administração do Território por motivos desconhecidos.

Nas páginas seguintes vão ser apresentados o projecto *CAMARQREAB*: O castelo de Castelo Melhor – Investigação Arqueológica e Estudo de Conservação/Reabilitação, bem como os resultados dos trabalhos realizados nos últimos três anos. Prevê-se para, o ano corrente, a nova candidatura do projecto actualizado ao programa Acção Integrada de Desenvolvimento.

2. ELEMENTOS HISTÓRICOS

A ocupação humana da área onde o castelo se insere, a bacia hidrográfica do Côa, reflecte-se, desde o *Paleolítico*, além de muitos outros vestígios arqueológicos, nas gravuras rupestres do Vale do Côa. Da *Época Romana* manifesta-se a presença humana através de numerosas “*villae rusticae*”⁶ e vestígios de estradas romanas. Perto de Castelo Melhor, no sítio da *Penascosa*, existem, além das gravuras, traçados de uma via romana e no lugar de Orgal, mais uma “*villa rustica*” e uma via romana⁷. A estação fortificada de *Calábria*, Almendra, foi, provavelmente, um dos centros importantes da

⁶ Ver para o Concelho vizinho de Figueira de Castelo Rodrigo:

Maia, Manuel Maria da Fonseca Andrade, *Subsídios para a Carta Arqueológica do Concelho de Figueira de Castelo Rodrigo*, Vol. I e II. Dissertação de Licenciatura em História, Faculdade de Letras de Lisboa, 1971.

Plano Director Municipal do Concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, *Arqueologia, História e Património Edificado*, Mapa 2, *Época Romana*, Vol. III, elaborado sob a responsabilidade do autor pelos elementos do Centro de Estudo e Protecção do Património (CEPP), integrados na equipa de elaboração do PDM de Figueira de Castelo Rodrigo do Centro de Estudos de Desenvolvimento Regional (CEDR) da Universidade da Beira Interior.

Mathias, Michael, *Elementos para o estudo do povoamento medieval do Concelho de Figueira de Castelo Rodrigo*, Distrito da Guarda, 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular, Actas VII, Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Vol. XXXV, Fasc. 3, Porto 1995, 495-501.

⁷ Coixão, António do Nascimento Sá, Trábulo, António Alberto Rodrigues, *Por Terras do Concelho de Foz Côa – Subsídios para a sua história, estudo e inventário do seu património*. Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, 1995, 173.

Coixão, António do Nascimento Sá, *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*, Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, 1996.

região⁸ que, na época visigótica, se tornou sede de um bispado. Vestígios da *Época tardo-romana/paleo-cristã* são visíveis também perto de Castelo Melhor, na estação arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira⁹.

Tal como no *Período Visigodo*, os vestígios da *Ocupação muçulmana* são esporádicos. Topónimos como Almendra, Almofala, Algodres ou Almeida serão os sinais mais evidentes da aculturação ao árabe, embora em fontes escritas¹⁰ do século XIII apareça ainda a referência a mouros na região.

As terras entre os rios Côa e Águeda, o “*Riba Côa*”, ainda pertencentes no século XII ao novo reino de Portugal, passam pouco depois para Leão, que se ocupa então em reestruturar a região. Nos inícios do século XIII as várias vilas recebem foros do monarca leonês. Os foros de Castelo Melhor, de 1210, representam uma cópia dos foros de Castelo Rodrigo, como Lindley Cintra mostrou¹¹. A base de todos estes foros, chamados de “*família Coria*”, era provavelmente a perdida versão para Cuidad Rodrigo¹², redigida entre 1190 e 1209. Uma moeda, um *dinero*¹³ do D. Fernando III – Rei de Castela e Leão (1230-1252) achada na muralha do castelo faz lembrar estes tempos. Depois do acordo de Alcañices em 1297, esta região é definitivamente integrada no Reino de Portugal.

A investigação histórica deste período da “*repopulação*” foi algo polémica. Surgiu a *Controvérsia do Ermamento*¹⁴. Já Alexandre Herculano referia zonas desertas no vale do Douro¹⁵. José Mattoso, falando

⁸ Cabral, A. A. Dinis, *História da Cidade de Calábria em Almendra – Subsídios*. Edição da Casa da Beira Alta, Porto, 1963, (com mais bibliografia).

⁹ Guimarães, Gonçalves, Peixoto, M^a da Graça, *A estação arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira – Muxagata, Vila Nova de Foz Côa*. Actas do 1º Congresso Internacional sobre o Rio Douro, 25 de Abril a 2 de Maio 1986, GAIA, Vol. VI, Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, 1988-1994, 235-253.

¹⁰ Cintra, Luis F. Lindley, *A linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo. Seu confronto com a dos foros de Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Coria, Cáceres e Usagre. Contribuição para o estudo do leonês e do galego-português do século XIII*. Reprodução fac-similada da edição original de Publicações do Centro de Estudos Filológicos de 1959.

¹¹ Ver nota 5.

¹² Díez S. I., Gonzalo Martinez, *Los fueros de la Familia Coria – Cima Côa*. Revista Portuguesa de História XIII, 1971, 343-373.

¹³ A moeda foi achada pelo autor do projecto no dia 9 de Novembro de 1997 no âmbito de um trabalho de campo. A identificação da moeda foi feita no Gabinete de Numismática, Divisão de Museus e Património Histórico e Artístico, da Câmara Municipal do Porto. Agradeço pelo apoio que me foi amavelmente prestado. Veja: Heiss, Alois, *Descripción General de las Monedas Hispano-Cristianas desde la invasión de los Arabes*. Tomo Primeiro, Luis Marquina y Marin, Editor, Zaragoza, 1962, 35-36, lam. 5. Farres, Octavio Gil, *Historia de la Moneda Española*. Apartado 13078, Madrid, 1976, 330.

¹⁴ Ribeiro, Orlando, *Primórdios da Reconquista: a Controvérsia do Ermamento*, A Formação de Portugal, Instituto da Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, Lisboa, 1987, 76-99.

¹⁵ Herculano, Alexandre, *História de Portugal*, t.VI, 40 da edição de David Lopes.

dos concelhos do interior¹⁶, chamou a atenção para o facto de as cartas de foros apresentarem estruturas sociais dentro da vila, que dificilmente se teriam desenvolvido em poucas décadas, o que, na sua opinião, indicia a existência de uma comunidade já antes da chamada *repovoação*.

As fontes escritas sobre Castelo Melhor e o seu castelo parecem, pelo menos numa primeira abordagem, escassas¹⁷. O *Dicionário de História de Portugal*¹⁸ nem o menciona. As *Notícias Arqueológicas*¹⁹ informam, na entrada *Castello Melhor*, que se trata duma *villa* do concelho de Vila Nova de Foz Côa e de um castelo com *barbacan*, do tempo do Rei D. Dinis, todo desmantelado. Mais oferece Américo Costa²⁰ ao seu leitor. Para além das informações importantes para a época – Castelo Melhor ainda era *villa* – o autor apresenta dados históricos. Lindley Cintra, no seu trabalho sobre a linguagem dos foros de Castelo Rodrigo²¹, trata de Castelo Melhor. A poucos anos atrás, um conjunto de informações sobre o castelo e os achados arqueológicos feitos na sua vizinhança foram publicados por António do Nascimento Sá Coixão e António Alberto Rodrigues Trabulo²². Os autores inclinam-se para a hipótese de existir uma ocupação do local anterior à construção do castelo. Na base de dados da Divisão de Inventário da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais encontram mais algumas informações sobre trabalhos de reparações durante a época medieval. As fontes documentais onde estes se baseiam ainda não foram estudadas.

Tendo por base estas informações é possível estabelecer a seguinte cronologia:

- 1209/1210 – Carta de Foros por D. Alfonso IX de Leão.
- 1297 – Tratado de Alcañices. As *Terras de Riba-Côa* passam para Portugal.
- 1298 – D. Dinis confirma os foros de Castelo Melhor (25/7/1298).

¹⁶ Mattoso, José, *Da comunidade primitiva ao município, o exemplo de Alfaiates* (Comunicação apresentada às I Jornadas sobre o Município Ibérico, Santo Tirso, Fev. 1985). Fragmentos de uma Composição Medieval, Imprensa Universitária, N.º 59, Editorial Estampa, Lisboa, 1987, 35-48).

¹⁷ Uma pesquisa nos arquivos portugueses e espanhóis parece-nos imperioso.

¹⁸ Dicionário de História de Portugal, dirigido por Joel Serrão. Iniciativas Editoriais, Lisboa, 1971.

¹⁹ *Notícias Arqueológicas extrahidas do »Portugal Antigo e Moderno« de Pinho Leal com algumas notas e indicações bibliográficas* por Eduardo Rocha Dias, Lisboa, 1903, 94.

²⁰ Costa, Américo, *Diccionario Chorographico de Portugal Continental e Insular*, Vol. V, 1936, 72-73.

²¹ Cintra, Luis F. Lindley, *A linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo*. Seu confronto com a dos foros de Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Coria, Cáceres e Usagre. Contribuição para o estudo do leonês e do galego-português do século XIII. Reprodução fac-similada da edição original de Publicações do Centro de Estudos Filológicos de 1959, INCM, Lisboa, 1984. LXIII.

²² Ver nota 8.

- 1320/21 – Igreja de S. Salvador de Castelo Melhor no termo de Castelo Rodrigo²³.
- Séc. XIV, último quartel – obras de reparação do castelo no reinado de D. Fernando²⁴.
- Séc. XV, 1.º quartel – obras de reparação do castelo nos reinados de D. João I e D. Afonso V²⁵.
- Doação por D. João II a João Fernandes Cabral²⁶.
- 1527 – Cadastro da População do Reino, Castelo Melhor pertence ao termo da *Villa* de Almendra e tem 32 moradores²⁷.
- 1584 – Elevação a cabeça de condado a favor de Rui Mendes Vasconcelos²⁸.
- 1640 – Obras de reparação no contexto das Guerras de Restauração, tendo sido nesta época uma bateria na encosta E.²⁹
- 1643 – Brás Garcia de Mascarenhas³⁰ dá informações a Frei Francisco Brandão sobre os castelos da região de Riba-Côa.
- 1758 – Resposta de João Pinho da Fonseca ao inquérito sobre Castelo Melhor³¹.
- 1766 – Elevação a cabeça de marquesado a favor do 4º Conde José de Vasconcelo e Sousa Caminha da Câmara Faro e Veiga.³²
- 1855 – Extinção do concelho de Almendra, C. M. passa para o Concelho de Vila Nova de Foz Côa.
- 1982 – Classificação do castelo de Castelo Melhor, como IIP, Decreto N.º 28/82, 26-2, Diário da República, 1ª Série, N.º 47-26-2-1982³³.

3. CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO

3.1 Os objectivos

Como foi explicado nas páginas anteriores, o castelo de Castelo Melhor representa um sítio de interesse arqueológico-histórico, sobretudo a fase inicial do castelo e a história do povoamento da zona.

²³ Catálogo de todas as igrejas, comendas e mosteiros que havia nos reinos de Portugal e Algarves, pelos anos 1320 e 1321, com a lotação de cada uma delas, ano de 1746. in: Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, Nova Edição preparada e dirigida por Damião Peres, Vol. IV, Porto e Lisboa, 1971, Apêndice XVII, 142.

²⁴ DGEMN – Divisão de Inventário, Lisboa, Castelo Melhor, ficheiro informatizado, n.º 21.

²⁵ Ver nota 25.

²⁶ Ver nota 25.

²⁷ Colaço, Magalhães, *Cadastro da população do Reino 1527*, Ed. Empresa Nacional de Publicidade, 110.

²⁸ Ver nota 25.

²⁹ Ver nota 25.

³⁰ Saraiva, J. Mendes da Cunha, *A região de Riba-Côa e um autógrafo de Brás Garcia de Mascarenhas*, Separata de Biblos, Vol. VI, n.º 7-8, 439-463. Coimbra Editora, Lda., 1930.

³¹ Ver nota 8. 175-176.

³² Ver nota 25.

³³ *Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado*, Inventário, Vol. II, IPPAR, Lisboa, 1993, 67.

O projecto pode dar um contributo às investigações arqueológicas em curso na Quinta da Ervamoira, Freg. de Muxagata, Concelho de Vila Nova de Foz Côa³⁴, da *época tardo-romana/paleo-cristã* e aos outros trabalhos arqueológicos na área. O sítio oferece, além disso, na nossa opinião, mesmo por causa do abandono e da ausência de intervenções de conservação³⁵, boas condições para a investigação arqueológica.

No âmbito da instalação do Parque Arqueológico do Vale do Côa³⁶, o castelo medieval de Castelo Melhor reveste-se de uma certa importância, pela sua localização junto ao “Centro de Interpretação”, que entrou em funcionamento a partir de 10 de Agosto de 1996, e pela possibilidade de não só apresentar a história medieval das «Terras de Riba Côa» numa pequena exposição, mas também ilustrar esta história através de um monumento.

O castelo de Castelo Melhor necessita urgentemente de uma intervenção, não só, para conservar o monumento e travar a sua degradação, mas também para oferecer aos visitantes do castelo condições de segurança, que actualmente não existem. Assim, o projecto, aqui proposto, visa, em consonância com o memorando acima referido, os seguintes objectivos:

- O levantamento arqueológico-arquitectónico;
- A investigação arqueológica-histórica do castelo e da zona envolvente;
- Uma contribuição para a conservação dum monumento do património construído;
- A integração do castelo no Parque Arqueológico do Vale do Côa;
- Uma contribuição para a reabilitação e abertura do castelo a visitas públicas.

3.2 Metodologia e Resultados esperados

Dado que este projecto tem em vista avaliar as possibilidades de reabilitação e abertura a visitas públicas do castelo, o projecto apresenta-se como um projecto pluridisciplinar e não só como um projecto arqueológico. A investigação arqueológica tem objectivos próprios mas dedicar-se-ia, se fosse preciso, quase inteiramente ao apoio das outras disciplinas envolvidas, por exemplo na abertura de cortes com métodos arqueológicos para examinar fundações ou outros pontos de interesse. Os vários grupos de trabalho, Geologia-Geotecnia, Materiais de Construção e Estruturas, realizarão as suas intervenções em conformidade com as metodologias da própria disciplina, mas estarão sempre em contacto ao realizarem tarefas em conjunto.

Espera-se desta colaboração obter melhores informações, por exemplo, sobre a história do

castelo, o tipo e as fases da construção das muralhas, a origem e as características do material de construção, o tipo das argamassas empregadas e o carácter e as causas dos danos existentes.

3.3 As áreas de estudo

3.3.1 Os estudos arqueológicos

O projecto de investigação arqueológica no castelo de Castelo Melhor pretende focar a seguinte problemática:

A situação “geo-estratégica” do castelo, quer dizer a sua implantação na zona entre os rios Douro, Côa e a Ribeira de Aguiar. As condições ambientais, o clima, o regime hidrológico, o uso do solo e a agricultura.

As fases de ocupação do sítio: Tratar-se-ia de um povoado fortificado preexistente, que se transforma num castelo com um aglomerado extramuros à sua sombra, criado talvez já depois do tratado de Alcañices?

Quais teriam sido então as obras da recuperação anuais, a que se referem os foros ou a reconstrução e o repovoamento feito por D. Dinis e as outras reparações medievais?

Qual era o papel da fortificação nos conflitos armados pós-medievais como nas Guerras da Restauração, na Guerra de Sete Anos e nas Invasões Napoleónicas e, finalmente, a utilização do interior como pedreira, em tempos já desconhecidos e pela agricultura, que terminou há poucos anos.

Uma outra grande área de estudo seria a própria fortificação do castelo, o tipo de construção das muralhas, o seu aparelho em xisto e a utilização de argamassa e argila. Os vestígios do parapeito e os acessos aos caminho de ronda são outros pontos de interesse bem como o portão e a torre e, finalmente, construções de carácter defensivo fora do recinto da muralha, como a chamada barbacã.

A ocupação do espaço interior do castelo, as construções ainda visíveis. A cisterna coloca uma série de questões, como era feito o abastecimento de água? Somente pela captação de águas pluviais ou pelo lençol freático? Provocou o terremoto de 1755 uma alteração do sistema hídrico, como indica a resposta do João Pinho da Fonseca³⁷? Qual era a função dos muros ainda visíveis, simples muros de suporte de campos ou divisórias de recintos dentro do castelo?

Achados de escória de ferro encontrados dentro e fora do castelo e de minério de ferro encontrado, dentro do castelo e na encosta do S. Gabriel, a cerca de 2 km do castelo, podem ser indícios de actividades mineiras. Vestígios de explorações mineiras na vizinhança do castelo

³⁴ ver nota 10.

³⁵ ver nota 2.

³⁶ ver nota 4.

³⁷ ver nota 31.

são maioritariamente recentes, da “época do Volfrâmio”.

Em relação à investigação das sepulturas no exterior do castelo o projecto conta com a colaboração da Mestre Dra. Helena Moura do Parque Arqueológico do Vale do Côa.

3.3.2 O estudo da geologia do local

Será feito um reconhecimento, quer geológico, quer morfológico, do solo em que está implantado o castelo, com vista ao conhecimento da sua natureza, de possíveis movimentos e das suas linhas de ruptura. O estudo do solo é de extrema importância para determinar causas de degradação das muralhas, nomeadamente assentamentos das mesmas e ainda o conhecimento dos afloramentos existentes, com o intuito de se utilizar como mancha de empréstimo.

Em simultâneo, realizar-se-á um estudo das águas pluviais e da sua escorência e infiltração, bem como a caracterização físico-química das águas pluviais tendo em vista a sua agressividade para a estrutura.

3.3.3 O estudo da degradação dos materiais de construção

O estudo e caracterização dos materiais de construção, i.e. dos tipos de pedras utilizadas na construção das muralhas e da composição de argamassa de ligação das pedras, permitirá identificar todas as causas de degradação e permitirá determinar as melhores soluções a adoptar, quer de substituição das pedras degradadas, quer de substituição das argamassas, com vista à recuperação e conservação das muralhas do castelo.

A constituição química e mineralógica das pedras será determinada recorrendo a análise de difracção de raios-X (XRD) e de energia dispersa de raios-X (EDX) em microscópio electrónico de varrimento e também determinada por análise granulométrica.

3.3.4 O estudo de estabilidade da estrutura

No estudo da estabilidade das muralhas do castelo prevê-se a utilização de vários ensaios que têm por objectivo a definição do estado actual da consistência e da estabilidade das mesmas. Medição do estado de tensão local em determinados pontos da estrutura para comparação com estimativas de valores através de métodos teóricos de cálculo estrutural. Estas medições são fundamentais para a calibração dos modelos teóricos de cálculo. O ensaio de arrancamento de uma porção de parede através de uma forma de tracção permite a obtenção da resistência máxima da parede a tensões tangenciais.

4. OS RESULTADOS

Desde o início dos primeiros trabalhos em 1996 a equipa do projecto foi apoiada pelo PAVC, pelo IPPAR e pelo IPA. O projecto e os seus primeiros resultados foram apresentados em Setembro de 1997, no 4th Annual Meeting da EAA, Ravenna, Itália, em Novembro do mesmo ano nas Segundas Jornadas de História Local e Regional, Vila Nova de Gaia, em Outubro de 1998, nas Primeiras Jornadas do Património da Beira Interior, na Guarda, no mês de Abril de 1999, no 1.º Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia, em Évora e em Maio de 1999, no então Instituto Arqueológico Alemão, em Lisboa.

4.1 O levantamento topográfico

Dado que a cartografia à escala pequena era, apesar da Carta Militar 1:25.000, praticamente inexistente, tornou-se o levantamento do castelo e da sua zona envolvente imperioso. Estes trabalhos iniciaram-se ainda em 1996 com a construção de um polígono de apoio local. No ano seguinte foi levado ao efeito o levantamento, com equipamento topográfico electrónico, das estruturas arqueológicas e da superfície, no interior e a ligação do sistema local à rede geodésica nacional com GPS. A levantamento da zona envolvente iniciou-se na Páscoa de 1998 e ficou concluído em Abril de 1999³⁸.

Dispomos agora de um levantamento topográfico completamente digitalizado que servirá como base, quer para escavações arqueológicas, quer para a cartografia geológica do local, quer para a localização de danos detectados nas construções.

4.2 As Sondagens

Durante a campanha de levantamento topográfico em Agosto de 1997, foi decidido abrir apenas um pequeno corte estratigráfico com a finalidade de obter algumas informações sobre a profundidade das camadas arqueológicas, eventuais antigas superfícies, material estratificado ou datável, etc.

4.2.1 “Sondagem 1”

Foi escolhida uma área, situada na muralha Norte, entre a torre e a porta³⁹. A muralha mostra

³⁸ Agradeço ao Prof. Dr. Martin Höck, aos Eng.os Rui Fernandes e Jorge Andrade pela realização do levantamento topográfico com o apoio dos meus alunos V. Andrade, E. Leão, R. Matias, D. Miguel, S. Miguel, S. Negrão e A. Sousa, em 1997 e na Páscoa de 1998, aos Eng.os Anna McKenzie e Mathias Sommer, Universidade Técnica de Darmstadt, RFA, que concluíram o levantamento entre Novembro de 1998 e Abril de 1999.

³⁹ ver PI 1 em anexo.

aqui vestígios de um reboco caído⁴⁰ e, ao actual nível do chão, uma abertura rectangular, ainda meia enterrada, que atravessa a muralha e que talvez tenha servido como uma espécie de esgoto. Inicialmente estava previsto abrir uma área de 3x2 metros. Devido à escassez de tempo e às condições meteorológicas, com temperaturas acima dos 40.º C, que, a partir do meio-dia, impossibilitaram praticamente trabalhos pesados, foi aberto um corte de 2x2 metros. A superfície apresentou-se, no início dos trabalhos, ligeiramente inclinada em direcção à porta e estava coberta de pedras de xisto de diversos tamanhos e uma vegetação escassa. A recolha destas pedras, à mão, sem ferramenta, revelou-se mais eficaz. O solo, à base de xisto degradado e um pouco humoso, foi passado por um crivo. Mesmo assim os resultados eram poucos e insignificantes⁴¹. Foi levantado um primeiro estrato, com cerca de 40cm de profundidade, sem encontrar quaisquer estruturas. Por falta de tempo para continuar os trabalhos, decidiu o signatário parar a escavação. A área foi fotografada e tapada com plástico e pedras como protecção contra o vandalismo. Julgo ser este o procedimento mais correcto.

4.2.2 “Sondagem 2”

A chamada “Sondagem 2” situa-se a uma distância de cerca de 5 metros para Sul da “Sondagem 1”⁴². Tem a sua origem num “buraco” que parece ter sido feito por “caçadores de tesouros” ou outros curiosos⁴³. Durante os trabalhos na “Sondagem 1” este “buraco” foi observado com mais atenção. Estava posto à vista um alinhamento de 4 pedras de xisto. No fundo, a rocha e alguns pedaços de uma argamassa ou de um reboco. Decidiu-se então “limpar” essas estruturas. Foram marcados os limites do corte, 1,20m por 2,40m, e a limpeza levada a efeito.

Foram levantados e desenhados uma planta e quatro perfis, que se encontram em anexo. Os perfis são idealizados, todas as estruturas ainda existem. Não existem fotografias pelas razões acima referidas, mas deve ser possível limpar o corte outra vez e tirar fotografias antes de continuar a escavação. Não foram encontrados quaisquer achados.

O terreno mostra uma ligeira inclinação de SE para NW. De uma maneira um pouco simplificada podem ser distinguidos três estratos. Na superfície, com uma espessura de, aproximadamente, 12 a

20cm, um solo humoso (1) à base de xisto meteorizado com pedras pequenas e, quando húmido, de uma cor castanha escura. Segue-se depois uma camada (2), com uma espessura máxima de 20cm, com muita pedra de vários tamanhos que assenta directamente no xisto, o terceiro estrato (3). Esta camada (2) parece ser mais arenosa e de uma cor mais clara e cinzenta. Tal como a planta indica, existem estruturas apenas nos cantos da sondagem. Na maior parte da área encontra-se rocha, devido a intervenção ilegal. A xistosidade e algumas “diaglaces” estão bem visíveis, a uma profundidade entre os 0,20m e os 0,30m. A NW encontra-se o alinhamento de pedras (4), colocadas em cima da rocha, sem argamassa visível. A SE foi posta a descoberto, durante as obras de limpeza, uma camada de argamassa ou reboco de cor branco-sujo (5). Este encosta-se, como mostra o Perfil E, às pedras ali existentes e assenta em cima de pedras pequenas (6). De baixo destas pedras há uma camada arenosa cinzenta (7). Esta camada de argamassa/reboco também se encontra no Perfil S e parece de ter sido destruída pela intervenção ilegal.

Uma primeira interpretação destes vestígios permite a conclusão da existência de estruturas de construções enterradas e talvez do próprio processo da construção, representado pela argamassa.

Estas duas sondagens, embora pouco significativas, mostraram, em termos de organização da escavação, a necessidade de preparar um espaço para o depósito de entulho, antes da continuação das escavações no interior, evitando assim tapar áreas de futuras intervenções.

4.3 Os Achados

4.3.1 A Cerâmica

Como já foi dito anteriormente, na descrição da “Sondagem 1” foi encontrada pouca cerâmica e, sem contexto arqueológico, porque se trata da camada escavada, provavelmente, na terraplanagem do entulho da casa outrora ali existente. São, no total, 21 peças.

O grupo maior, com 19 peças, é composto de cerâmica não vidrada, de pasta fina com mica, cozida num ambiente maioritariamente oxidante, de castanho amarelado, cor de laranja até ao vermelho, mas com áreas do cinzento ao preto.

Dois bordos grossos (15 e 20mm de espessura) pertenciam a potes tipo “pitos”⁴⁴. O restante tem uma espessura entre 6 e 8mm. Existem neste grupo dois bordos e um fundo⁴⁵.

Sem entrar em estudos aprofundados, esta cerâmica parece ser comparável com a cerâmica

⁴⁰ Uma moradora contou que quando era jovem (há 60 anos?), deitaram abaixo uma casa em ruínas para plantar oliveiras.

⁴¹ ver 4. Os Achados e Pl. 3 e 4 em anexo.

⁴² ver Pl. 1 em anexo.

⁴³ Não é possível dizer quando isto foi feito. O autor destas linhas conhece o castelo desde 1991, na altura o “buraco” já existia.

⁴⁴ ver Pl.3 n.º 5.

⁴⁵ ver Pl.3 nos 1, 3, 4.

tradicional feita, até há umas décadas atrás, em Santa Comba (Concelho de Vila Nova de Foz Côa) ou Malhada Sorda (Concelho de Almeida).

Duas outras peças são vidradas. Uma é de faiança, de pasta fina quase branca. Mostra por fora um vidrado branco-amarelado e por dentro linhas azuis pintadas com pincel. A outra peça é de pasta fina avermelhada, com um vidrado castanho em ambos os lados.

Na superfície do interior do castelo a cerâmica é relativamente rara. Telhas, pelo contrário, existem em grandes quantidades.

Em 1998, num terreno situado a Norte do castelo, entre o caminho de acesso e a torre, apareceram alguns fragmentos de "tegulae". O proprietário encontrou há uns anos atrás, neste sítio, sepulturas humanas, que foram também mencionadas por A. Sá Coixão, aquando da plantação de novas amendoeiras. Alguns pequenos fragmentos de ossos, provavelmente humanos, devem ter a mesma origem.

4.3.2 Os Objectos de Ferro

Durante a escavação da "Sondagem 1" foram achados, além das três peças de escória, outros três objectos metálicos trabalhados.

Ferradura fechada, ferro forjado, enferrujado; com seis craveiras rectangulares; traços nítidos de utilização; compr. 100mm, larg. 75mm, esp. 3mm; provavelmente de um macho ou burro. (Pl. 4 n.º 1)

Fragmentos de uma chave, ferro forjado, enferrujado; haste oca, cilíndrica, cónica de 40mm de largura. Diâmetro entre 9-10mm, espessura do material, cerca de 1 mm, argola ogival 25-35mm. (Pl. 4 n.º 3)

"Argola aberta", ferro forjado, enferrujado, corte de 14x4mm, diâmetro exterior 40mm, diâmetro interior 34mm. Função desconhecida. (Pl. 4 n.º 2)

4.3.3 A Moeda

Em Novembro de 1997, foi achada pelo signatário, no exterior da brecha da muralha Norte, imediatamente ao pé da muralha, uma moeda⁴⁶. Parece que as chuvas intensas dos dias anteriores puseram à vista a moeda que estava dentro da argila da muralha, junto com pequenos fragmentos de escória de ferro.

A identificação do achado foi feita no Gabinete de Numismática, Divisão de Museus e Património Histórico e Artístico, da Câmara Municipal do Porto⁴⁷. Trata-se de um *dineiro* do rei D. Fernando

III de Castela e Leão (1230-1252), cunhado numa liga de prata e cobre. Esta moeda representa, até ao momento, o único achado datável e permite, simultaneamente, uma *data postquam* para a construção ou reparação deste troço da muralha não antes do segundo quartel do século XIII.

4.3.4 As Escórias

Após mais de um ano de visitas de estudo ao castelo, apareceram, em finais de Junho de 97, três peças de escória com cerca de 10cm de largura e cerca de 3cm de espessura. Apresentam uma forma irregular, muita ferrugem e são muito porosas⁴⁸.

Na primeira quinzena de Julho do mesmo ano foram recolhidas, no interior do castelo, cinco amostras de um outro tipo de escória, de cor cinzenta escura, metálica, sem qualquer ferrugem.

Em 1998 e 1999 foram achadas mais peças de escória dentro e fora do castelo. Durante o levantamento topográfico em Novembro de 1998, foi possível cartografar uma concentração de escória, numa área de cerca de 40 metros quadrados, num patamar situado ao Norte da porta do castelo. Trata-se dos já conhecidos dois tipos de escória, que apareceram na superfície lavrada, numa plantação de amendoeiras. Uma das peças mostrou-se "colada" à cerâmica.

O Centro de Óptica da UBI procedeu a análises por difracção de raios-X (XRD) e pelo Analisador de Energia Dispersiva de raios-X, EDX que está acoplado ao microscópio electrónico de varrimento (SEM). Na totalidade foram analisadas nove amostras de escória oriundas do interior do castelo e da zona envolvente. Embora de um aspecto bem diferente, os dois tipos de escória revelam uma grande semelhança na composição química. Trata-se de uma mistura de ferro e óxido de ferro com uma pequena quantidade de óxido de zircónio e neodímio. Nos relatórios chega-se à conclusão que a presença da escória no interior do castelo confirma a possibilidade da existência de uma forja, na qual o mineral de ferro encontrado foi processado. A presença de óxido de zircónio e de neodímio pode servir como base de identificação do mineral de origem deste ferro e que definiria a história do processo desta escória.

Parece pouco provável a hipótese de os agricultores levarem a escória junto com o estrume para o campo, o que podia ter acontecido com restos de botas e outro lixo da casa, que aparece ali com frequência.

Em cima das muralhas foram achadas várias peças de escória, de cor cinzenta escura, metálica, sem ferrugem, misturadas no barro da muralha. Este fenómeno foi já observado no ano anterior aquando do achado da moeda, e leva a crer que

⁴⁶ ver Pl. 4 n.º 4 no anexo.

⁴⁷ Agradeço todo o apoio que me foi amigavelmente prestado. Bibliografia ver: Heiss, Alois, *Descripción General de las Monedas Hispano-Cristianas desde la invasión de los Arabes*. Tomo Primeiro, Luis Marquina y Marín, Editor, Zaragoza, 1962: 35-36, lam. 5. Farres, Octavio Gil, *Historia de la Moneda Española*. Madrid, 1976: 330.

⁴⁸ Três peças idênticas foram achadas na "Sondagem 1".

os construtores da muralha foram buscar o material num sítio, provavelmente perto do castelo, em que esta escória já se encontrava misturada com o barro, talvez por acção das águas pluviais.

4.3.5 Amostras de minério de ferro

Numa visita de estudo ao castelo, em Setembro de 1997, um morador de Castelo Melhor⁴⁹ falou da existência de minério de ferro na encosta do monte S. Gabriel, na zona de uma vinha ali plantada. No início de Novembro de 1997 foi realizada uma visita ao local indicado e recolhidas várias amostras. O Centro de Óptica procedeu às análises. As amostras apresentam semelhanças com as escórias, sobretudo pela presença do elemento neodímio.

Para além do que se esperava encontrar, as amostras de escória e minério recolhidos e as análises feitas indicam a possibilidade de processamento de minério de ferro na área do castelo. A existência de uma simples forja num castelo, para reparação e manutenção de armas, ferramentas e alfaias não representa, porém, uma raridade. Mas é de considerar que os achados foram feitos na superfície, sem contexto arqueológico e ainda sem possibilidade de datação. A zona de Castelo Melhor – Almendra – é rica em minério, como mostram os vários vestígios das explorações de volfrâmio, ainda bem visíveis, embora este último não tivesse qualquer importância na época medieval, mas havia minas de prata em Almendra e já D. Fernando II de Leão doou à catedral de Cuidad Rodrigo os seus direitos sobre

os metais que se descobrissem *in toto confinio Civitatis Roderici*⁵⁰.

5. CONCLUSÕES

Das campanhas de trabalhos de campo realizadas desde 1997 resultou em primeiro lugar, a planta digitalizada do interior do castelo e da zona envolvente, que servirá de base para os trabalhos nos próximos anos. Esta planta vai ficar com os andamentos dos trabalhos cada vez mais pormenorizada.

Também foi criada uma documentação fotográfica do castelo e das anomalias até a data detectada em diapositivos, negativos a cores e suporte digital.

As sondagens arqueológicas permitem concluir que uma parte das construções antigas ainda se encontra enterrada e não completamente destruída por intervenção humana.

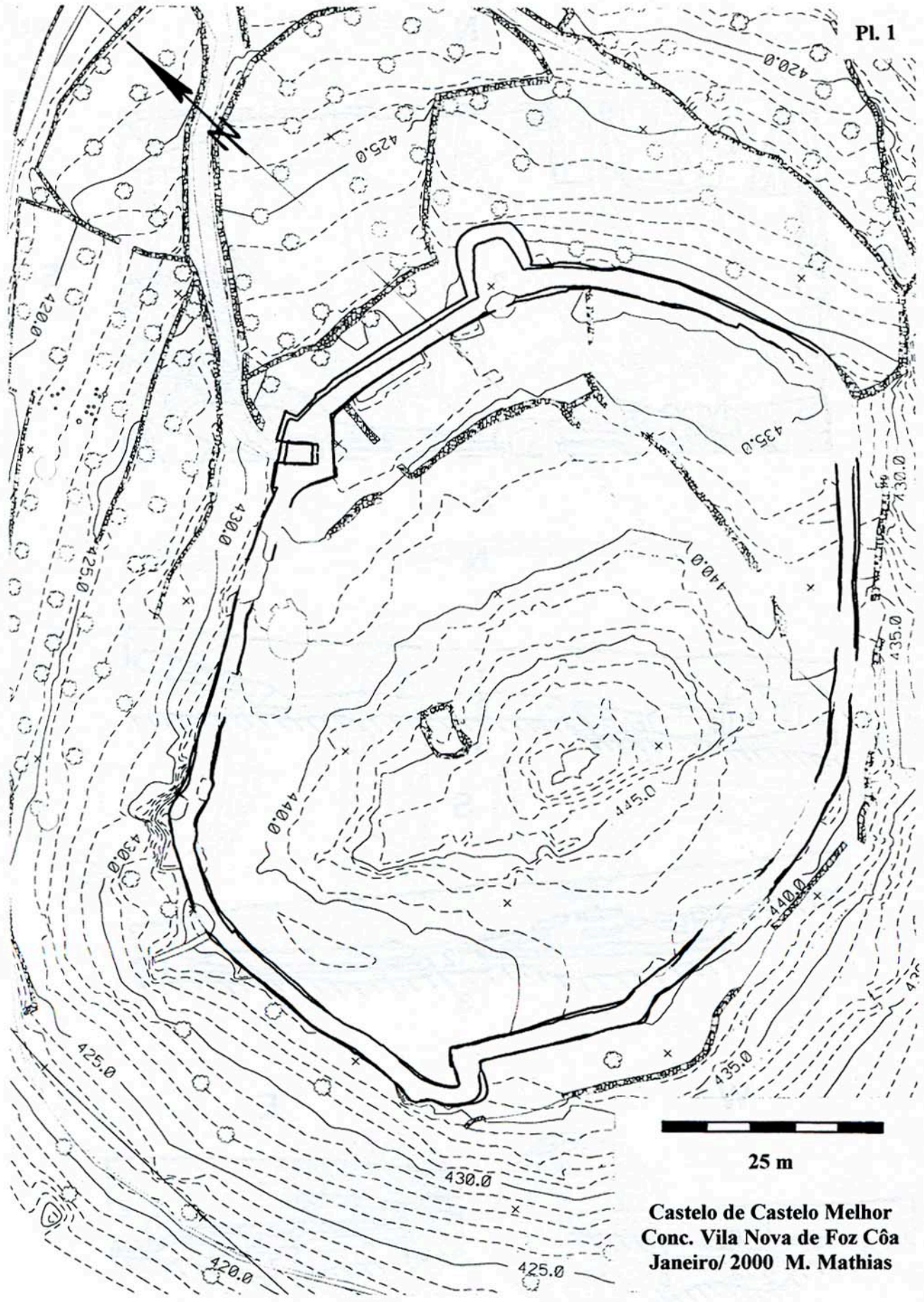
Os achados de escória de ferro, em quantidades consideráveis dentro do castelo e a ocorrência de minério de ferro no mesmo local bem como a menos de dois quilómetros da vizinhança, podem indicar uma exploração deste minério e do seu tratamento, embora a datação ainda seja impossível.

O achado da moeda de Fernando III de Castela e Leão representa o primeiro achado datável e um testemunho da presença castelhana neste castelo do Riba-Côa.

Os trabalhos irão ter continuação no corrente ano.

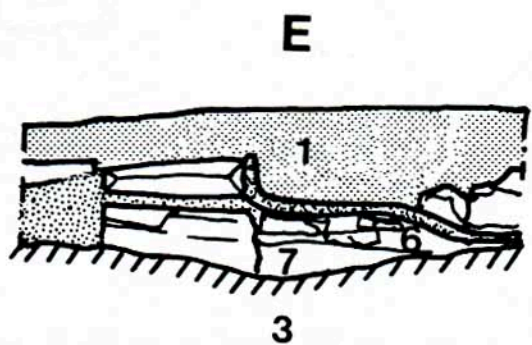
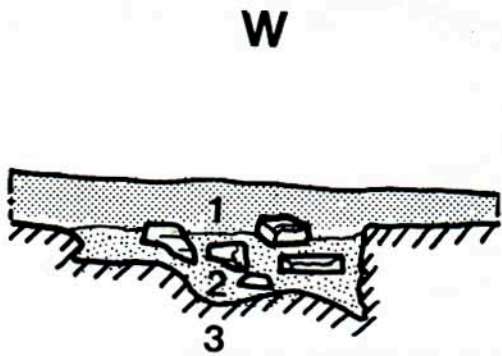
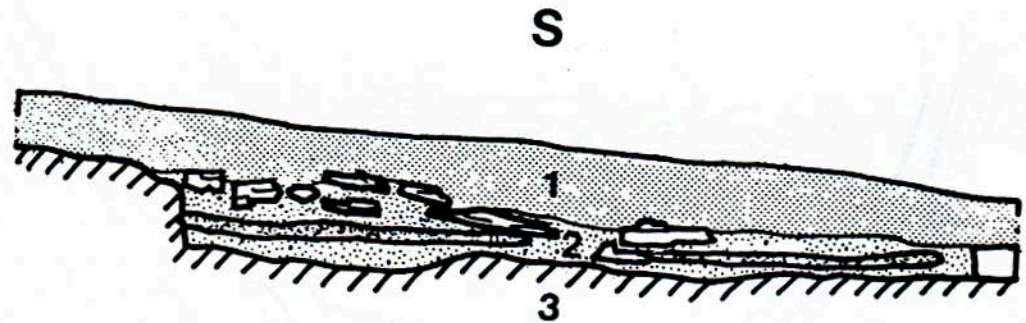
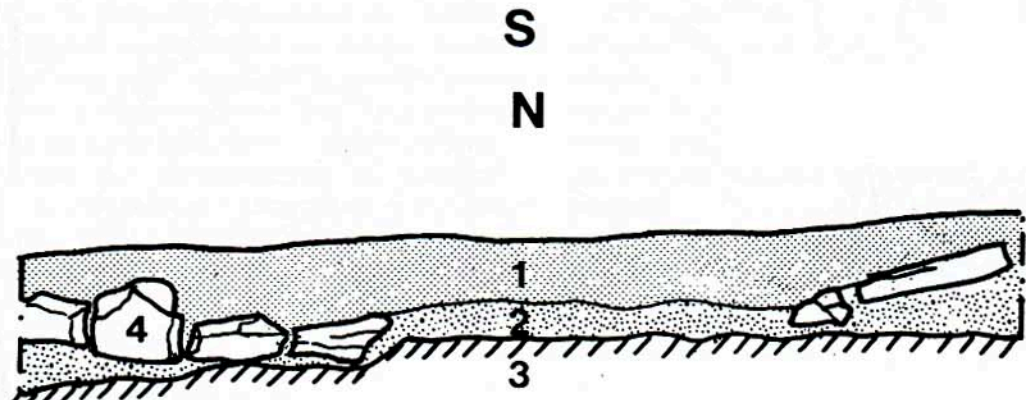
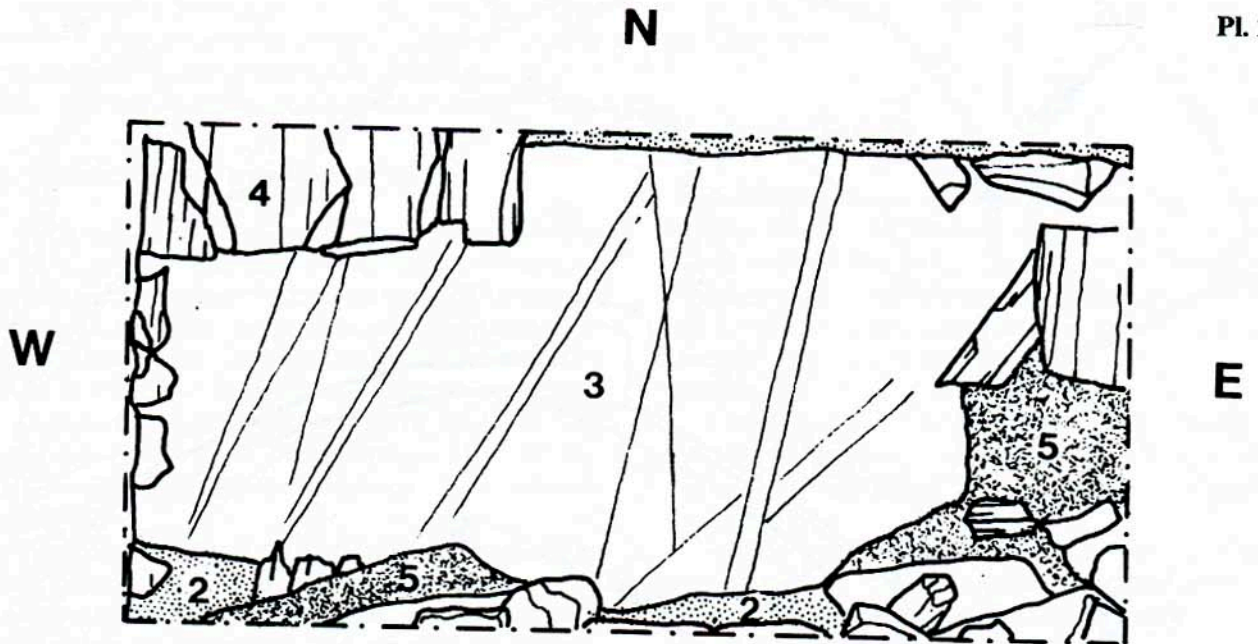
⁴⁹ Agradeço o apoio que me foi amigavelmente prestado por Senhor Ribeiro, Castelo Melhor.

⁵⁰ Ver: Gomes, Rita Costa, *A Guarda Medieval – Posição, Morfologia e Sociedade (1200-1500)*. Cadernos da Revista de História Económica e Social 9-10, Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1.ª ed. 1987: 110.

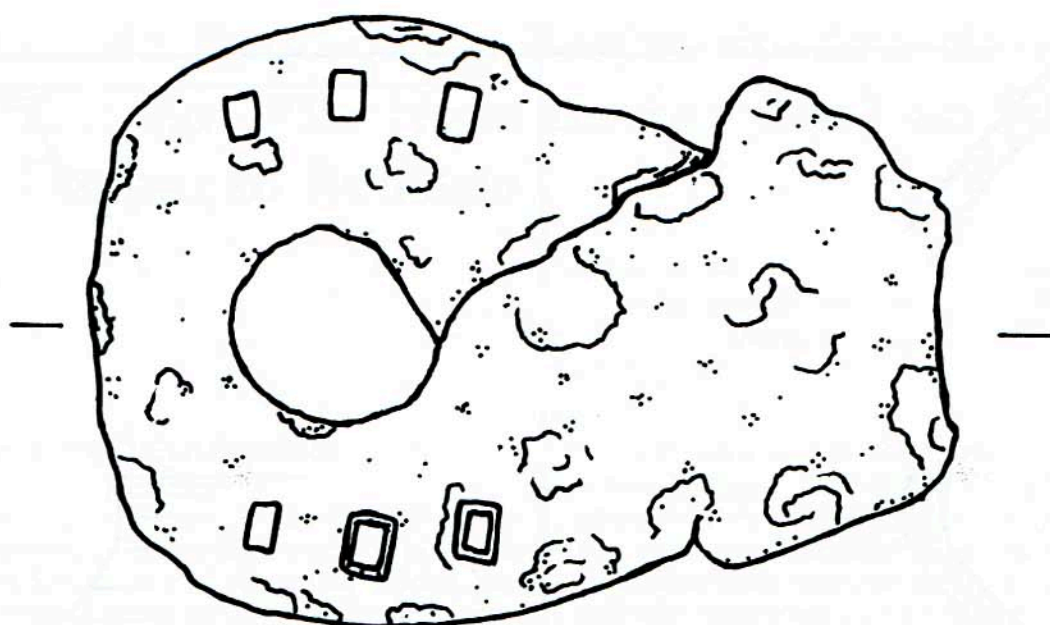


**Castelo de Castelo Melhor
Conc. Vila Nova de Foz Côa
Janeiro/ 2000 M. Mathias**

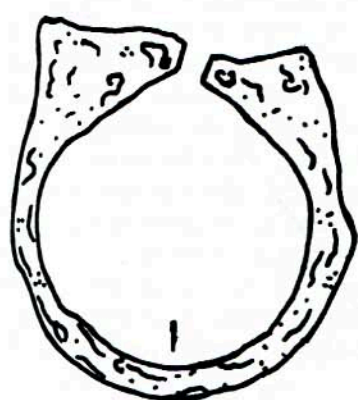
Castelo de Castelo Melhor, concelho de Vila Nova de Foz Côa, Janeiro/2000 – M. Mathias



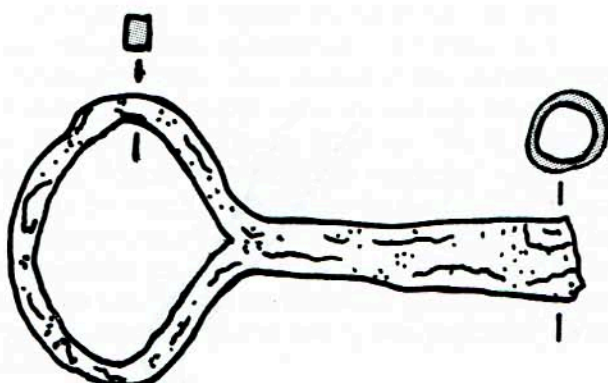
Castelo de Castelo Melhor, Vila Nova de Foz Côa, "Sondagens 2", Planta e Perfis, esc. :1:20



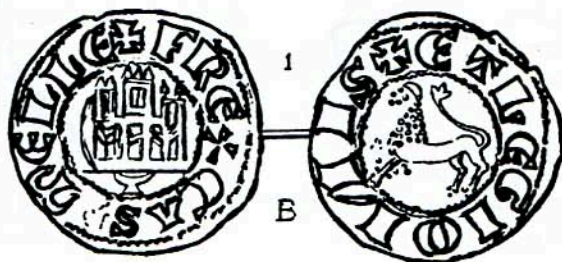
1



2

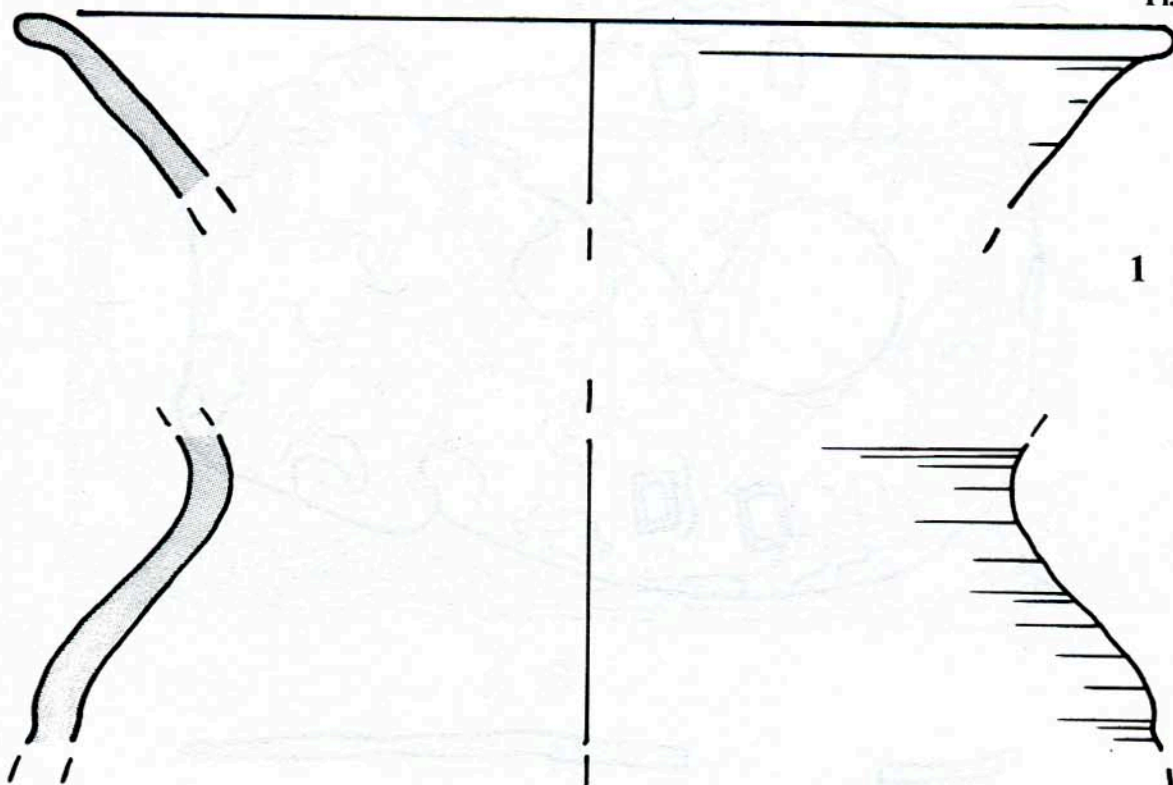


3



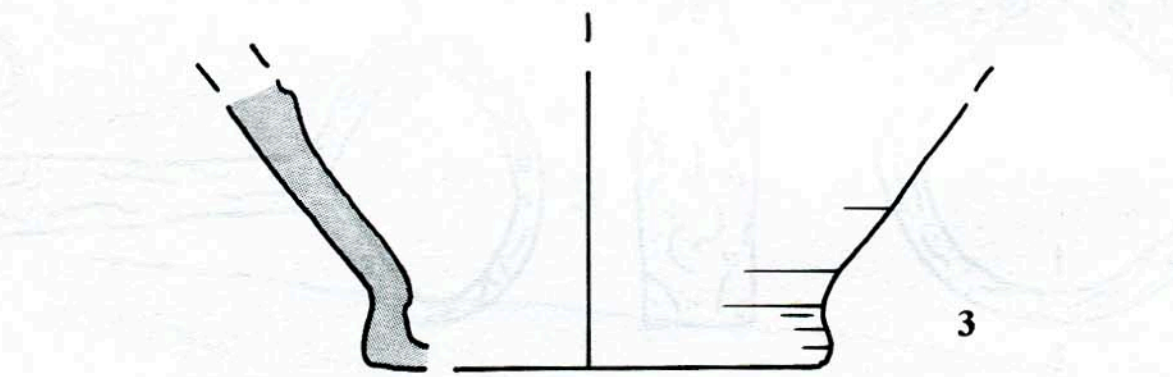
4

Castelo de Castelo Melhor, Vila Nova de Foz Côa, "Sondagens 1", Cerâmica 1-5, esc. :1:1



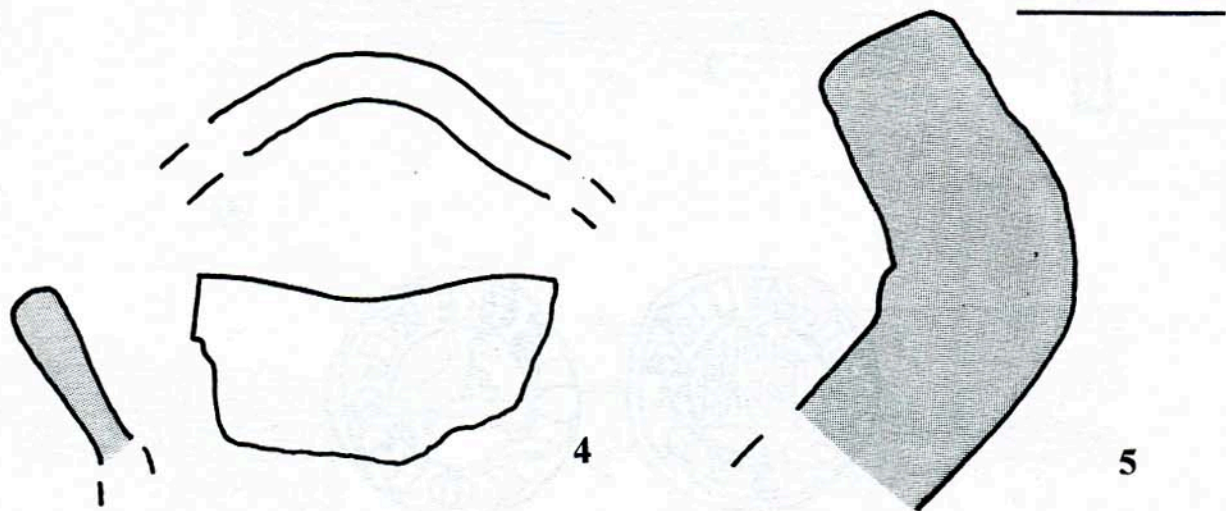
1

2



3

4



5

Castelo de Castelo Melhor, Vila Nova de Foz Côa, "Sondagens 1", Objectos de Ferro 1-3, esc. :1:1.
 "Dinero" Fernando III 1230-1252 (seg. A. Heiss, s/sec.)